



PROFESSORA DE MATEMÁTICA EM FORMAÇÃO INICIAL: REFLEXÕES A PARTIR DA ATUAÇÃO COMO MONITORA DE UMA ESTUDANTE ATÍPICA¹

Alexia Gabriela Camargo Lopes², Isabel Batisti³

¹ Relato desenvolvido a partir da experiência realizada como monitora na escola Nelci Tobias Oedmann em Ajuricaba;

² Estudante de Licenciatura de Matemática- UNIJUÍ, Bolsista PBID, monitora em Ajuricaba;

³ Atua, como professora efetiva no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências e no Curso de Matemática, da UNIJUÍ.

INTRODUÇÃO

A inclusão escolar é hoje um dos pilares fundamentais para a construção de uma educação democrática e equitativa. Amparada por legislações como a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) e por políticas públicas voltadas à diversidade, busca-se assegurar que todos os estudantes tenham acesso a oportunidades de aprendizagem. Nesse cenário, a inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino fundamental é um dos grandes desafios da educação contemporânea, visto que coloca o professor a repensar metodologias e estratégias de ensino, uma vez que o TEA envolve particularidades na comunicação, na interação social e na maneira como o sujeito processa informações e apropria-se de conhecimentos (Neves; Elias, 2024).

Nos anos finais do Ensino Fundamental (EF), essa demanda torna-se ainda mais relevante. No caso da Matemática, de acordo com Guimarães; Coutinho (2025), especificidades desta área de conhecimento, exigem habilidades cognitivas complexas, como raciocínio lógico, abstração e interpretação simbólica, o que pode representar barreiras para estudantes com TEA se o processo pedagógico não for adequado. Nesse contexto, o papel do professor passa a ser fundamental na proposição de práticas que conciliem rigor matemático e acessibilidade pedagógica, o que impacta consideravelmente no processo formativo de futuros docentes de Matemática.

Dada as características da álgebra, como unidade temática que integra o currículo de Matemática do EF, a obra *As ideias da Álgebra*, de Coxford e Shulte (1974), torna-se referencial



importante. Os referidos autores evidenciam a Álgebra como eixo estruturador do pensamento matemático, ressaltando que sua aprendizagem não deve ser reduzida a técnicas de manipulação simbólica, mas compreendida como um campo de ideias que favorece a generalização, a análise de padrões e a modelagem de situações. O considerar dessa perspectiva é central para a instituição de processos de inclusão, pois permite, por meio do ensino, explorar diferentes possibilidades de acesso ao conhecimento algébrico, seja por meio de representações visuais, do uso de recursos didáticos ou de situações contextualizadas.

De modo articulado a tais entendimentos trazemos, Ponte, Brocardo e Oliveira (2021), quando estes apresentam uma abordagem teórica metodológica que valoriza, por meio de investigações matemáticas, a autonomia, a formulação de hipóteses e a construção colaborativa do conhecimento. O ensino organizado a partir de investigações, conforme proposto pelos autores supracitados, aproxima-se da realidade inclusiva ao reconhecer a potencialidade de cada estudante, típico ou atípico, podendo contribuir de forma singular no processo de aprendizagem. Essa metodologia rompe com a ideia de que há um único percurso válido para aprender Matemática e abre espaço para a diversidade de raciocínios e estratégias.

Para uma licencianda em Matemática, a experiência de monitoria junto a uma estudante atípica oferece a oportunidade de colocar esses referenciais em prática, experimentando possibilidades de acompanhamento considerando o desenvolvimento do pensamento algébrico e a abordagem investigativa em um contexto real de inclusão. Mais do que um exercício pedagógico, essa vivência constitui um espaço de reflexão crítica sobre o papel social do professor de Matemática: criar condições para que todos os alunos, com suas particularidades, tenham acesso a aprendizagens. Assim, o processo formativo se fortalece, unindo teoria e prática em prol de uma educação inclusiva e transformadora.

Diante do exposto, na presente escrita propõe-se reflexões a partir das seguintes questões: como acadêmica de Licenciatura em Matemática, ao atuar como monitora de uma estudante atípica, quais reflexões relacionadas a práticas inclusivas no ensino da Matemática são possíveis de serem apresentadas? O que essa experiência pode contribuir no processo de formação como futura professora de Matemática? Quais os desafios enfrentados?

METODOLOGIA



A metodologia utilizada tem uma abordagem qualitativa, é descritiva e interpretativa. Configura-se em uma reflexão de vivências como monitora junto a uma estudante adolescente de 13 anos, atualmente no 8º ano do ensino fundamental, com Transtorno do Espectro Autista (TEA), em uma escola da rede pública. A experiência aqui apresentada considera a monitoria em aulas de Matemática junto à estudante, possibilitando observar tanto suas formas de aprendizagem quanto os desafios enfrentados no processo de inclusão escolar.

A análise se apoia em autores que discutem o ensino da Matemática e da álgebra e a inclusão escolar, como Coxford e Shulte (1974), Ponte, Brocardo e Oliveira (2021) e Mahl et al. (2012), de modo a articular teoria e prática no contexto da formação inicial docente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Refletir acerca do processo de aprendizagem de estudantes atípicos em aulas de Matemática provoca mudanças significativas no modo de pensar o ensino. Mais do que adaptar conteúdos, trata-se de criar situações que realmente possibilitem a aprendizagem, respeitando ritmos e formas de raciocínio distintas. Para que conceitos matemáticos se tornem palpável e tenham sentido para o estudante com TEA, é necessário considerar diferentes linguagens: visual, concreta, simbólica e até mesmo tecnológica (Neves; Elias, 2024).

No caso da monitoria, esse processo torna-se ainda mais evidente. O acompanhamento permite perceber detalhes que, em uma aula comum, poderiam passar despercebidos, como o tempo maior para resolver uma atividade, a necessidade de intervenções pontuais ou a importância de pequenas pausas durante a realização das tarefas. Atuar como monitora junto a esta estudante, tem sido uma rica experiência. Analiso que muitas atividades, principalmente de números menores e adição, ela realiza com uma facilidade ímpar, porém, situações que envolvem as operações divisão e multiplicação ela apresenta dificuldades.

Outro aspecto fundamental é que a monitoria oportuniza como acadêmica o experimentar na prática o que muitas vezes é discutido no âmbito teórico no decorrer das aulas no curso de Matemática. As atividades adaptadas já vêm prontas, organizadas pela professora, porém como monitora e acadêmica preciso buscar formas de fazer a estudante se engajar e entender as atividades propostas. Nesse sentido, percebi que a Álgebra pode se tornar um campo fértil para explorar o raciocínio matemático de forma significativa, mesmo diante das



dificuldades apresentadas pela estudante. Inspirada em Coxford; Shulte (1974), tenho buscado mostrar que a Álgebra não é apenas a manipulação de letras e números, mas uma linguagem que ajuda a compreender regularidades e relações. Assim, propus situações cotidianas que envolviam padrões numéricos e comparações, utilizando, agrupamentos, na exploração de material dourado e palitos. O que contribuiu para que a estudante tivesse maiores condições de visualizar a generalizar, aproximando-a de conceitos abstratos de maneira mais acessível.

Além disso, Ponte, Brocardo e Oliveira (2021), sugere a formulação de hipóteses, a experimentação e a busca por justificativas. Por exemplo, ao propor a investigações matemáticas com diferentes possibilidades de registros — tabelas, representações gráficas ou expressões algébricas — a estudante foi estimulada a refletir sobre seus próprios processos de pensamento, em vez de apenas repetir procedimentos. Essa perspectiva investigativa contribuiu não apenas para a aprendizagem da estudante, mas também para o meu desenvolvimento como futura professora, reforçando a importância de práticas que unem investigação, contextualização e inclusão. Essa vivência, segundo Mahl et al. (2012), é essencial para a formação docente, pois ajuda a desenvolver uma postura mais investigativa, crítica e empática diante da diversidade escolar.

A experiência evidencia que a inclusão está fortemente imbricada a um trabalho coletivo. O apoio dos professores regentes, a abertura da escola e o acolhimento dos colegas de turma fazem diferença na aprendizagem e no desenvolvimento do estudante e na atuação mais efetiva da monitora. A professora de matemática auxilia muito, também me ensinando estratégias de ensino. Nesse sentido, a monitoria deixa de ser um espaço individualizado e passa a se integrar à vida escolar como um todo, revelando tanto os avanços quanto os retrocessos e desafios da prática inclusiva.

Assim, mais do que auxiliar a estudante em atividades matemáticas, a experiência da monitoria constitui um processo formativo para mim como futura professora de Matemática, que aprende a olhar a sala de aula a partir da perspectiva da inclusão. É nessa troca — entre o ensinar e o aprender, entre teoria e prática — que se constrói uma identidade docente voltada para uma educação matemática mais justa, humana e acessível a todos. Entendo que ao atuar como monitora aprendo com a estudante e ela comigo, abriu meus olhos para ver que é preciso ir muito além da sala de aula para ensinar.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de acompanhar um estudante com TEA no ensino de Matemática evidencia que a inclusão é um processo que se constrói no cotidiano, com adaptações, escolhas metodológicas conscientes e, sobretudo, sensibilidade pedagógica. Mais do que dominar conhecimentos do ser professor, precisa aprender a observar, escutar e reconhecer as diferentes formas de raciocinar que emergem em sala de aula. É nesse movimento que a Matemática deixa de ser apenas uma disciplina de conceitos abstratos e passa a se tornar uma ciência com uma linguagem possível de ser vivida por todos.

Para uma acadêmica em formação, a monitoria representa um espaço de aprendizagem que vai além da teoria discutida nos cursos de licenciatura. Ao me deparar com desafios reais — desde a adaptação de atividades até a busca por estratégias de engajamento —, é possível perceber que ensinar Matemática em um contexto inclusivo exige criatividade, empatia e disposição para aprender junto com o aluno. Assim, pode-se afirmar que a inclusão não é apenas um direito garantido por lei, mas também uma oportunidade de crescimento profissional e humano para quem se prepara para ser professor. A monitoria mostra que a formação docente se fortalece justamente quando teoria e prática se encontram, revelando que é possível ensinar Matemática de modo a contemplar a diversidade, promover a participação e valorizar cada estudante em sua singularidade.

Palavras-chave: TEA. Articulação de teoria e prática. Processos formativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015.
- COXFORD, Arthur F.; Shulte, Albert P. (org.). As ideias da álgebra. Rio de Janeiro: Bloch, 1974.
- GUIMARÃES, Luciana Cristina; COUTINHO, Karine. Ensino de Matemática e inclusão: desafios e possibilidades para alunos com TEA nos anos finais do Ensino Fundamental. *Revista Brasileira de Educação Matemática*, v. 27, n. 3, p. 89-104, 2025.
- MAHL, Marcelo Luís et al. Desafios e ações para a efetiva inclusão escolar. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, v. 25, n. 43, p. 293-308, maio/ago. 2012.
- NEVES, Carolina; ELIAS, Camila. Metodologias adaptativas no ensino de Matemática para alunos com TEA. *Revista de Práticas Educativas Inclusivas*, v. 12, n. 1, p. 77-95, 2024.
- PONTE, João Pedro da; BROCARD, Joana; OLIVEIRA, Hélia. *Investigações matemáticas na sala de aula*. 3. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.